

O POETA ENTRE DUAS CULTURAS: JOÃO CABRAL DE MELO NETO ENTRE O SERTÃO E SEVILHA.

Odalice de Castro e Silva
Universidade Federal do Ceará

RESUMO: *João Cabral de Melo Neto (1920-1999), dividido entre o sertão do nordeste brasileiro e a Espanha, espaços que o poeta nomeou e assim desvelou para a linguagem poética, escolheu Sevilha para pensar e recriar uma realidade social, político-filosófica, o cotidiano em Andando Sevilha (1987-1989) e Sevilha Andando (1987-1993). A poesia, metáfora da mulher sevilhana, permite ao poeta ver o mundo, pela disseminação de imagens, através de linhas, volumes, gestos, pesos, movimentos, para viver uma bela confluência de diferenças, de identificações do homem entre dois campos culturais, como experiência poética no século XX.*

Palavras-chave: *Poesia – Imagens – Espaço cultural.*

ABSTRAC: *João Cabral de Melo Neto (1920-1999), divided between brazilian northeast country side and Spain, spaces that the poet named and this way unveiled to the poetical language, he chosed Sevilha to think and create again a social, political-philosophical reality, the quotidian in Andando Sevilha (1987-1989) and Sevilha Andando (1987-1993). The poetry, metaphore of Sevilha's woman, allows to the poet to see the word, by the dissemination of images, through lines, volumes, gestures, loads, movements, to live a beautiful confluence of differences, of identifications of the man between two cultural fields, as a poetical experience in XX century.*

Key words: *Poetry – Images – Cultural spaces.*

‘Sevilhizando’ o mundo

1. Fios para uma textura mediterrânea

Para compreender e analisar a linguagem, feita de signos e símbolos, arma-se um tear de leituras, tentativas de interpretação de memórias, de imagens, para trazer, de arcanos desenhos, linhas e traços, alguns já quase perdidos, e expô-los aos olhos, aos ouvidos, aos sentidos de alguns apaixonados pelo fascínio de palavras como Occitânia, Provença, Mediterrâneo.

Impelida pelo fascínio de diferentes signos, oriundos de mediterrâneas palavras, em meio a tantas sugestões que ressoam de seus fonemas, inscrevo, nesta conjunção de símbolos e ecos, o nome e a obra do poeta João Cabral de Melo Neto (1920-1999), brasileiro de Recife, um poeta dividido entre lembranças de sua cidade e de outra pela qual foi conquistado: Sevilha.

O poeta recifense-sevilhano construiu com regra e esquadro, de modo arquitetural, uma poesia plástica, para ler e ver, com inteligência e imaginação, uma geometrizarante composição de signos.

Esta geometria de signos leva as palavras a uma (quase) objetivação e concretização de coisas, objetos, como casas, prédios, monumentos, pessoas, mulheres, seu andar, seu mover-se sobre as pedras das ruas, dobrar as esquinas angulosas, para compreender, apreender e interpretar, dizer seu modo de ser.

Palavras – coisas confundem-se com o ar das cidades, fazendo-as (mulher e urbe) dançarem os movimentos sevilhizantes de uma dança que o tempo não se cansa de desenhar os contornos, o gesto e a *allure*, realçando os pontos de uma trama cheia de paixão, trama que se converte na leitura-escrita dos signos de uma cidade ideal, sonhada para ser vivida e amada, reconstruída pelo poeta, através da dança dos signos: “Ler/escrever a cidade é tentar captá-la nessas dobras; é inventar a metáfora que a inscreve, é construir a sua possível leitura. Cidade: linguagem dobrada, em busca da ordenação.”

Conjugam-se à nossa, a tentativa de Renato Cordeiro Gomes de ler/interpretar os poetas que, ao modo de Borges, Italo Calvino e João Cabral lançaram-se ao esforço de recriar a cidade código. (Cordeiro Gomes, 1994)

2. Geometrização da poesia

Objetivando deter-se em algumas metáforas que interpretam a memória do poeta João Cabral de Melo Neto dividido entre o Recife e Sevilha, duas cidades-mulheres, espaços geográficos e estéticos, entre os quais compôs alguns de seus mais belos e complexos poemas, este trabalho cria uma passagem poética entre dois continentes, passagem para outras culturas e povos: “Recife e Sevilha são as bases da minha poesia. O Recife, onde nasci e vivi até a mocidade, e Sevilha, onde servi duas vezes e foi o posto diplomático que mais me impressionou e onde sempre me senti em casa.”(Entrevista, 1996)

Os poemas que escolhi constróem uma ponte entre os dois espaços poéticos: “Coisas de Cabeceira: Recife”, “Coisas de Cabeceira: Sevilha” e “Sevilhizar o mundo”. Os dois primeiros encontram-se em *A Educação pela Pedra*, obra escrita entre 1962 e 1965 e publicada em 1966, portanto, dez anos depois que o poeta conheceu Sevilha. O terceiro poema é de *Andando Sevilha*, escrita entre 1987 e 1989, publicada em 1990.

Os dois primeiros poemas foram selecionados pelo autor para integrar a antologia *Poesia Crítica*, de 1892 e estão enfeixados na primeira parte: “Linguagem”. Os poemas aí reunidos compõem uma espécie de poética da metalinguagem, propósito explícito de sua contribuição ao discurso poético, na qual as problematizações do dizer em versos apontam a consciência profunda de que a poesia do século XX indicia a desarticulação entre indivíduo e História, tornando esta a sua marca essencial.

O poeta expõe ao seu leitor as linhas de um fazer/dizer poético já propostas desde *Pedra do Sono* (1942), seu livro de estréia e *Os três mal-amados* (1945), ou seja, a defesa de uma poesia anti-lírica, denotativa e despoetizada. (Barbosa, 1974)

3. A Construção de espaços poéticos

Coisas de Cabeceira: Recife

Diversas coisas se alinham na memória
numa prateleira com o rótulo: Recife.
Coisas como de cabeceira da memória.
a um tempo coisas e no próprio índice;
e pois que em índice: densas, recortadas,
bem legíveis, em suas formas simples.

2

Algumas delas, e fora as já contadas:
o combogó, cristal do número quatro;
os paralelepípedos de algumas ruas,
de linhas elegantes, mas grão áspero;
a empena dos telhados, quinas agudas
como se também para cortar, telhados;
os sobrados, paginados em *romancero*,
várias colunas por fôlio, impressados.
(Coisas de cabeceira, firmando módulos:
assim, o do vulto esguio dos sobrados).

Coisas de cabeceira: íntimas, pessoais, necessárias, prosaicas. Elas poetizam (fazem) a vida em simplicidade de objetos, cumprindo a função e o destino (?) de se reunirem na composição de um conjunto guardado na memória e retraçado artisticamente, depois, em palavras, frases-versos, para se cumprirem índices. Arranjadas na simplicidade e humildade, na memória das mãos que as manuseiam, as coisas se delineiam na precisão com que “densas, recortadas, / bem legíveis, em suas formas simples” trarão à lembrança figurações do Recife.

Versos que traem a intenção arquitetural de sua feitura, eles fixam elementos da herança portuguesa, francesa, holandesa dos combogós, azulejos, pedras-paralelepípedas, telhados, sobrados, numa composição de recifes-módulos, como paisagem vista e tocada através da aspereza da pedra, nas “quinas agudas/ como se também para cortar”.

A memória das “coisas de cabeceira” é um alinhamento de objetos que resistiram à erosão do tempo, à seleção e conservam-se ordenados, numa composição objetual, visível-legível, em livro compostas, em velhas histórias, em “*romancero*/ várias colunas por fôlio, impressados”, ao modo de vigas-colunas de sustentação.

Paisagem do Recife, de linhas para serem lidas, “firmando módulos”, linhas de uma arquitetura, versos para uma arqui-textura da memória.

O desfolhamento da metáfora – “coisas de cabeceira” – é esse desdobrar de velhos manuscritos, sentir o corte nos ângulos agudos, nas pontas das esquinas, na figura do quadrado, nas estrofes-retângulos.

A metáfora se desmonta desde a enumeração do que contém o rótulo, até o vulto esguio dos sobrados, em parentética explicação, numa didática.

Da explícita designação de objetos, linhas, prepara-se o planejamento da planta-baixa da cidade, recortada como objetos, partes do todo construído como abrigo, moradia, habitação, agora, lembrando e andando Sevilha, vendo Sevilha mover-se em imagens de meneios e passos de dança, através da escolha de palavras que conterão os movimentos exatos do dançarino que faz a dança, que conta a história de sua própria dança.

Coisas de cabeceira: Sevilha

Diversas coisas se alinham na memória
Numa prateleira com o rótulo: Sevilha.
Coisas, se na origem apenas expressões
De ciganos dali; mas claras e concisas.
A um ponto de se condensarem em coisas,
Bem concretas, em suas formas nítidas.

2

Algumas delas, e fora as já contadas:
não *esparramar-se*, fazer na dose certa;
por derecho, fazer qualquer que fazer,
e o do ser, com a interrupção da reta;
con nervio, dar a tensão ao que se faz
da corda de arco e a retensão da seta;
pies claros, qualidade de quem dança,
se bem pontuada a linguagem da perna.
(Coisas de cabeceira somam: *exponerse*,
fazer no extremo, onde o risco começa).

João Cabral escreveu os dois poemas em duas estrofes de seis versos e duas de dez versos, fechando proposições lógicas que conceituam as cidades Recife e Sevilha. Os dois últimos versos fecham-se em parênteses, nos quais abrigam-se as configurações icônicas de cada poema. Para Recife, os módulos dos sobrados; para Sevilha, as expressões *não esparramarse*, *por derecho*, “*con nervio*”, *pies claros*, designações com que o poeta transforma na origem apenas “expressões de ciganos dali”, de linguagem a objetos, isto é, “mas claras e concisas/ a um ponto de se condensarem em coisas,/ bem concretas, em suas formas nítidas”.

Estas formas nítidas, concretas, condensadas em coisas estabelecem as regras com que a cidade é percorrida, como em precisos passos de dança, em pés nus.

Este modo de reorganizar a memória lembra a fala do personagem com que o poeta traçou o projeto de construção de sua poesia em *Os três mal-amados* (1943)

“Raimundo:

Maria era também a folha em branco, barreira oposta ao rio impreciso que corre em regiões de alguma parte de nós mesmos. Nessa folha eu construirei um objeto sólido que depois imitarei, o qual depois me definirá. Penso para escolher: um poema, um desenho, um cimento armado – presenças precisas e inalteráveis, opostas a minha fuga.”(Melo Neto, 1997a)

Eis o processo metafórico que será retomado em toda a sua obra, demonstrando com paciência e obstinação, objeto de sua poética, “coisas que eu vou colocando como se fossem tijolos”. Palavras-coisas abrindo-se em expectativas semióticas, plásticas, cobrindo volumes em movimento, espaços que se redimensionam, gestos em conceitos que se explicam, concluindo o sistema da metáfora.

De explicação em explicação, de figura em figura, aclara-se a imagem do objeto perseguido, até colocar-se diante do leitor o que se quer definir e que, por sua vez definirá, outra vez, o poeta.

4. Uma “forma de ser”: “Sevilhizando” o mundo

“Sevilhizar o mundo”

Como é impossível, por enquanto,
Civilizar toda a terra,
o que não veremos, verão,
de certo, nossas tetranetas,

infundir na terra esse alerta,
fazê-la uma enorme Sevilha,
que é a contra-pelo, onde uma vida
guerrilha do ser, pode a guerra.

Uma tradução lírica e amorosa da cidade, em que a intenção de contaminar toda a terra com a maneira sevilhana expressa uma esperança, um desejo de que se espalhe um modo de ser tão especial, de viver em paz. Percebe-se uma subjetividade que se insinuava ao longo de muitos poemas de temática sevilhana, para tecer esta síntese ansiosa por civilizar sevilhanamente o mundo, dando-lhe a forma, o ritmo, a dança, a tensão do ser capaz de vencer o arbítrio: “o leitor que *anda* por Sevilha é o mesmo que vê Sevilha *andando* na mulher que é Sevilha”, para dizer com João Alexandre Barbosa.(Barbosa, 1999)

Entre Recife e Sevilha, a sonoridade, a cor, a forma, o movimento, o ritmo, o gesto, a linha, uma arquitetura, uma sevilhização do mundo, a graça e a agudeza de imagens reconstruídas com a precisão de um geômetra talhador de palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, João Alexandre. *A Metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *Entrelivros*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

_____. *Cadernos de Literatura Brasileira. João Cabral de Melo Neto*. Nº1. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1996.

CORDEIRO GOMES, Renato. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MELO NETO, João Cabral. *Serial e Antes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997a.

_____. *A Educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997b.

_____. *Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

